

REVISÃO UEA



OBRAS OBRIGATÓRIAS MACRO E SIS 3

O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto (1881-1922), é uma importante obra da literatura brasileira e é considerada um exemplo de obra pré-modernista onde vemos a presença de uma corajosa **denúncia social**.

Publicado com o formato de folhetim, em 1911, no Jornal do Comércio, a obra se tornou livro em 1915, levando todos a conhecerem o fanático Policarpo Quaresma, um homem apaixonado pelo seu país. O Triste fim de Policarpo Quaresma é uma obra do escritor pré-modernista Lima Barreto (1881-1922). Trata-se de

um dos maiores clássicos da literatura brasileira do período.

Dividida em três partes, ela foi publicada em 1911 nos folhetins do Jornal do Commercio. A obra integral foi publicada em livro em 1915.

RESUMO E ANÁLISE

O personagem principal da história contada por Lima Barreto é Policarpo Quaresma, um homem comum, funcionário público (subsecretário do Arsenal de Guerra), que amava acima de tudo o seu país.

Fisicamente ele era descrito como sendo um homem baixo, magro, de cavanhaque, que usava sempre fraque (preto, azul ou cinza). Quando completou a maioridade, embora quisesse seguir a carreira militar,

REVISÃO UEA



foi parar na administração do exército porque não passou no exame médico.

No princípio do livro ficamos conhecendo mais sobre o personagem, as suas rotinas, os seus hábitos e, principalmente, a paixão pelo seu país.b) Com o advento dos Acordos de Washington, a Amazônia voltou protagonizar no cenário mundial, era mais uma oportunidade para o desenvolvimento econômico e social da região, pois foi nesse período de esplendor cosmopolita que as cidades de Belém e Manaus viveram a chamada Belle Époque.

“Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar foi num conhecimento

inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.”

Policarpo Quaresma lia tudo o que era relacionado ao seu país de origem. Tinha na estante unicamente autores brasileiro, estudou tudo o que podia sobre as riquezas naturais da sua pátria, sabia espécies animais, vegetais e minerais do Brasil e conhecida toda a história além de saber todos os rios e fronteiras do país.

A vida de Policarpo no subúrbio

Ao narrar a vida de Policarpo Quaresma no subúrbio do Rio de Janeiro, Lima Barreto acaba por fazer uma descrição dessa camada social e da rotina de um funcionário público.

REVISÃO UEA



Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. (...) o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado.

O romance de Lima Barreto faz um retrato do subúrbio e do tempo em que o escritor viveu, trazendo ao público hábitos e problemas de um estrato social específico.

Em Triste Fim de Policarpo Quaresma, além de contar a história pessoal de um protagonista excêntrico, Lima Barreto aproveita para fazer um registro, e uma crítica, do meio onde estava inserido, com todo o preconceito, o racismo e a hipocrisia que assistia no seu dia a dia.

O patriotismo exagerado de Policarpo Quaresma

Fanático pela pátria - e também pela sua cidade, Policarpo era um nacionalista convicto e rejeitava tudo o que era importado ou aqueles que só elogiavam o que vinha de fora.

"Ah! Meu Deus! Quando poderei ir à Europa!" O major não se conteve: levantou o olhar, concertou o pince-nez e falou fraternal e persuasivo: "Ingrato! Tens uma terra tão bela, tão rica, e querer visitar a dos outros!"

REVISÃO UEA



Quaresma tinha tanto orgulho do seu país que, no seu dia-a-dia, procurava se aproximar das raízes do Brasil só lendo autores nacionais, comendo comidas típicas, aprendendo a tocar violão para entoar as modinhas nativas e até se alfabetizando em tupi-guarani.

"A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, no século passado, com o Padre Caldas que teve um auditório de fidalgas. Beckford, um inglês, muito o elogia.

- Mas isso foi em outro tempo; agora...

- Que tem isso, Adelaide? Convém que nós não deixemos morrer as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais..."

↳ NÃO DEIXA O SAMBA
NO AER.

Policarpo era uma criatura ridicularizada por muitos ao seu redor, e era mesmo incompreendido por causa do seu fanatismo.

Ingênuo e idealista, ele transformou a sua vida num ritual de adoração ao seu país, apesar de ter sido considerado louco por muitos. Um dos poucos amigos que tinha era o professor Ricardo Coração dos Outros, que dava as aulas de violão.

O radical Policarpo passou a aprender a tocar instrumentos tupinambás e a escrever em tupi-guarani "com afinho e paixão".

1. TUPI-GUARANI

2. TUPINAMBÁ

3. INHENTATUM

REVISÃO UEA



O conhecimento foi perigoso para Policarpo Quaresma Solitário, Policarpo foi um homem que se construiu basicamente a partir das suas leituras, tendo tido poucos amigos ao longo da vida. Por estabelecer raras relações (Policarpo “não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal”), ele era considerado por muitos como sendo louco e acabou transformando os livros em companheiros inseparáveis que o ajudaram a constituí-lo como ser humano. •

Em algumas passagens da obra é possível observar a relação que o personagem mantinha com os livros a partir dos volumes que tinha em casa: “acontecia que, quando abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejudadas de cima abaixo”. •

Essa presença dos livros, que eram uma companhia para Policarpo, fazia com que os vizinhos o considerassem esquisito.

Lima Barreto deixa claro na obra como era, no seu tempo, a relação com a leitura: quem lia e como era visto na sociedade por manter esse hábito (“a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: ‘Se não era formado, para quê? Pedantismo!’”).

No romance de Lima Barreto, portanto, a leitura tem um papel duplo: ao mesmo tempo que caracteriza o personagem, fala também sobre a forma como ele se insere na sociedade.

Em outra passagem do livro, numa conversa entre um funcionário público e um engenheiro que comentam a

REVISÃO UEA



situação de Quaresma, é dito que os livros é que enlouqueceram o patriota:

“– Aqueles livros, aquela mania de leitura...

– Pra que ele lia tanto? Indagou Caldas.

– Telhas de menos, disse Florêncio

Genelício atalhou com autoridade:

– Ele não era formado, para que meter-se em livros?

– É verdade, fez Florêncio.

– Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores.”

O fanatismo de Quaresma o leva para o hospício

Crendo profundamente nos seus ideais, Policarpo Quaresma chega a escrever um requerimento para o presidente da Câmara dos Deputados para propor

uma mudança na constituição transformando o tupi-guarani como idioma oficial. Depois de não ser levado a sério, ele entra em crise e chega mesmo a escrever um ofício em tupi.

Aqui os ideais pessoais de Quaresma entram em conflito com o seu lado profissional pela primeira vez porque o ofício é escrito em serviço. Por esse motivo, o funcionário administrativo é afastado do cargo e, numa crise, acaba por ser internado em um hospício.

Lima Barreto discute nesse episódio a tênue fronteira entre a vida pessoal e a profissional e como as crenças de um sujeito podem ter repercussões no seu ambiente de trabalho.

REVISÃO UEA



A saída do hospício

Depois de ter cumprido os meses de internação, Policarpo regressou para casa e conseguiu convencer a irmã, Adelaide, a se mudarem para um lugar distante da cidade. Adelaide era a única familiar de Policarpo, a moça não tinha marido nem filhos.

É para o sítio “No sossego”, no interior do Rio de Janeiro, que os dois se mudam e onde o Major começa a se apaixonar pela agricultura.

Apesar de estar mais afastado das pessoas, Policarpo encontra problemas no sítio quando um vizinho, o tenente Antonino Dutra, pede que o Major ajude na Festa da Conceição.

Por ser contra politicagem, o Major se recusa a ajudar e cria inimizades na região.

Como a Revolta Armada mudou a vida de Policarpo Quaresma

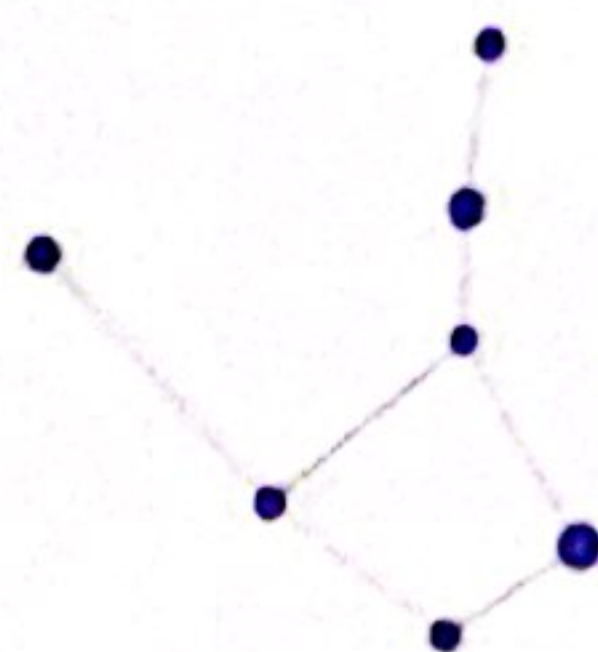
Policarpo Quaresma decide participar da Revolta da Armada de forma a proteger e apoiar o governo de Marechal Floriano Peixoto. Todo entusiasmado com a ideia, Policarpo se alista efetivamente como Major ao lado de outros combatentes e passa meses atuando.

Quando a rebelião termina, Policarpo Quaresma fica ao lado dos vencedores – de Marechal Floriano – e recebe o cargo de carcereiro da prisão dos marinheiros insurgentes.

Numa noite em que estava de serviço, Policarpo vê prisioneiros serem escolhidos aleatoriamente para serem fuzilados.

Sem concordar com a situação, escreveu para o Marechal Floriano Peixoto denunciando a situação.

REVISÃO UEA



Possivelmente por esse motivo – o livro não deixa claro – o Major é preso.

Como os livros desgraçaram a vida de Policarpo Quaresma

O major passava os dias lendo e acreditava no que estava escrito nos livros sem pensar duas vezes. Foi graças a leitura, sua companheira de vida, que conheceu profundamente temas brasileiros.

Mas esse conhecimento profundo não trouxe felicidade para o personagem, antes pelo contrário. O mundo que lia nos livros não se reproduzia na realidade, e ele foi se distanciando cada vez mais do mundo real para viver num cenário alternativo. Incompreendido, o conhecimento fez com que o Policarpo se isolasse cada vez mais e se transformasse em motivo de piada no bairro e no trabalho.

Enquanto outros personagens da história usavam os livros como forma de ascenderem tanto socialmente como economicamente e profissionalmente, Policarpo via os livros como fonte de conhecimento.

A história escrita por Lima Barreto é também uma crítica ao seu tempo que destinava os livros a serem uma espécie de catapulta social, ligando o conhecimento a uma hierarquia de poder e não ao puro prazer.

Ler, no contexto ilustrado por Lima Barreto, de uma sociedade majoritariamente analfabeta, estava profundamente ligado com a manutenção de uma rede de poder social. A leitura era voltada para os doutores e potenciais doutores, uma elite pequena que regia o país.

REVISÃO UEA



O seu único amigo, o professor Ricardo, tenta o libertar, sem sucesso. Olga, a única afilhada de Policarpo, também tentou libertar o Major sem sucesso.

Sobre o título do livro

O herói de Lima Barreto escolheu não baixar a cabeça, não bajulou os seus superiores e optou pelo caminho do estudo numa sociedade que o convocava para ser um simples burocrata. Quis ter um hábito de doutores sem ter diploma ou nome e desafiou, causando incômodo e desconforto, a sociedade onde estava inserido.

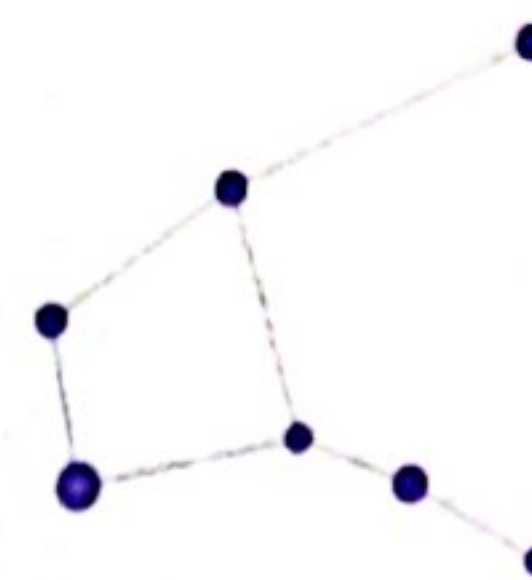
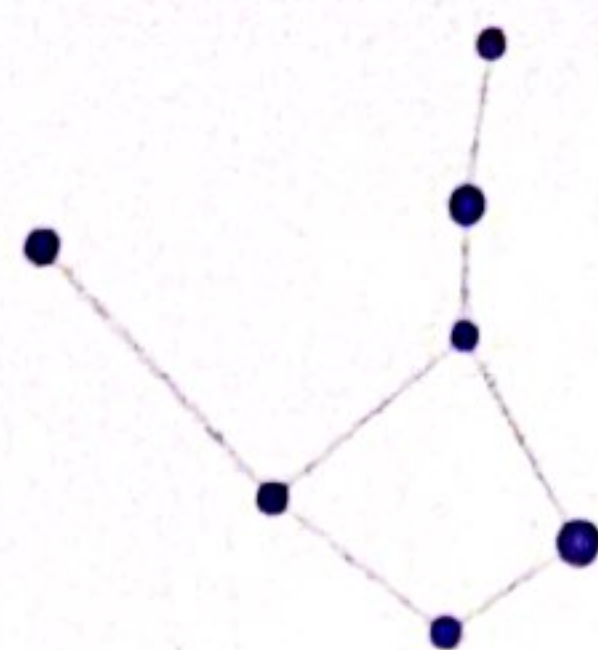
Por consequência das suas escolhas, fora do seu tempo, Policarpo teve um destino triste. No entanto, apesar de tudo o que sofreu ao longo da vida e de ter sido mesmo preso duas vezes, o protagonista de Lima Barreto, engajado, continuou um patriota e defensor dos seus ideais nacionalistas.

O próprio título do livro - Triste fim de Policarpo Quaresma - já dá pistas aos leitores do destino trágico do protagonista do romance. Acompanhamos ao longo das páginas da ficção as aventuras e dificuldades de um personagem que não se cansa de lutar contra a maré. Considerado pelos outros como sendo uma criatura estranha, Policarpo Quaresma nunca conseguiu se enquadrar graças aos seus ideais nacionalistas.

A inspiração biográfica de Lima Barreto

Muitos teóricos apontam que Lima Barreto teria se inspirado no próprio pai para criar Policarpo Quaresma. João Henriques, pai do autor, teve algumas crises delirantes, nervosas, ao longo da vida, começando quando ainda era noivo e chegando a ser internado.

REVISÃO UEA



Na última crise, a mais grave, o pai do escritor ficou vinte anos em cima da cama, tendo falecido em decorrência da loucura em 1922.

Além de ter sofrido pessoalmente com doenças psiquiátricas, João Henriques trabalhou durante anos em duas colônias de doentes mentais (Conde de Mesquita e São Bento), situadas na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, onde exerceu cargos administrativos.

Lima Barreto teve, portanto, um contato muito próximo com esse universo da loucura através do pai.

O próprio escritor também teve problemas ligados ao alcoolismo chegando a ser internado em 1914. Em carta, Lima Barreto confessa "Tenho, desde os nove anos, vivido no meio de loucos. Já mesmo passei três meses mergulhado no meio deles."

Por ter sido o filho mais velho, coube ao escritor tratar com todo o processo burocrático do pai, desde a

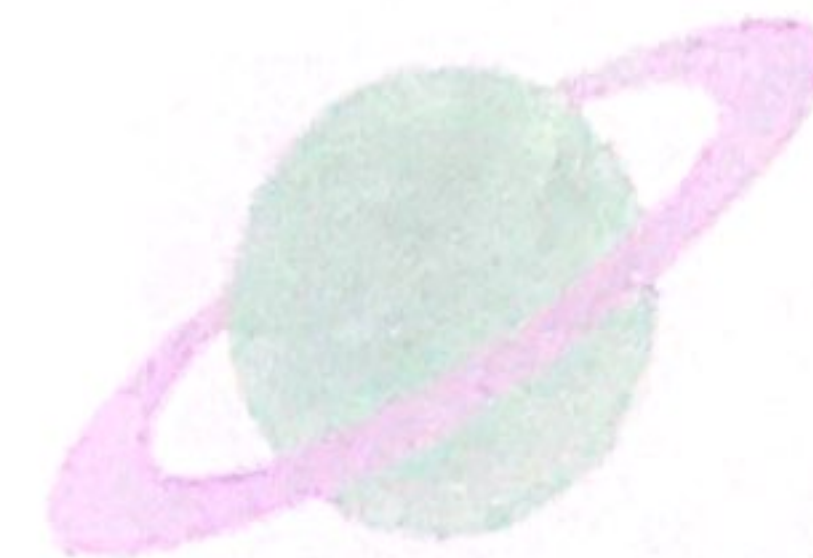
aposentadoria até as questões relacionadas ao tratamento médico.

Nas suas obras - inclusive em Triste Fim de Policarpo Quaresma - vemos retratada, e criticada, a burocracia do Estado brasileiro, com a qual o autor precisou lidar na sua vida pessoal para resolver questões familiares.

A literatura de Lima Barreto

Os romances de Lima Barreto eram caracterizados por corajosamente fazerem profundas críticas sociais. Muitos deles denunciavam o problema do racismo, tão presente na sociedade brasileira, e também questões pontuais do seu tempo, como o projeto de urbanização do Rio de Janeiro feito de modo amador. Lima Barreto foi fundamental para a literatura brasileira porque pintou um retrato da sociedade onde viveu, descrevendo o mundo do subúrbio e a presença de uma elite que abusava do poder.

REVISÃO UEA



Em termos de linguagem, o escritor criava suas obras com uma escrita mais informal, mais próxima da fala e acessível ao grande público.

Personagens da obra Triste fim de Policarpo Quaresma

Policarpo Quaresma: funcionário público e protagonista da obra. É um exímio patriota, erudito e apaixonado por livros.

Ricardo Coração dos Outros: professor de violão de Quaresma.

Olga: afilhada de Policarpo.

Vicente Coleoni: pai de Olga.

Amando Borges: marido de Olga.

Adelaide: irmã de Quaresma que morava com ele.

Anastácio: caseiro de Quaresma.

Mané Candeeiro: empregado do sítio de Quaresma.

Felizardo: empregado do sítio de Quaresma.

Sinhá Chica: esposa de Felizardo.

Tenente Antonino Dutra: escrivão e funcionário da prefeitura de Curuzu.

Doutor Campos: presidente da Câmara de Curuzu.

General Albernaz: vizinho de Quaresma.

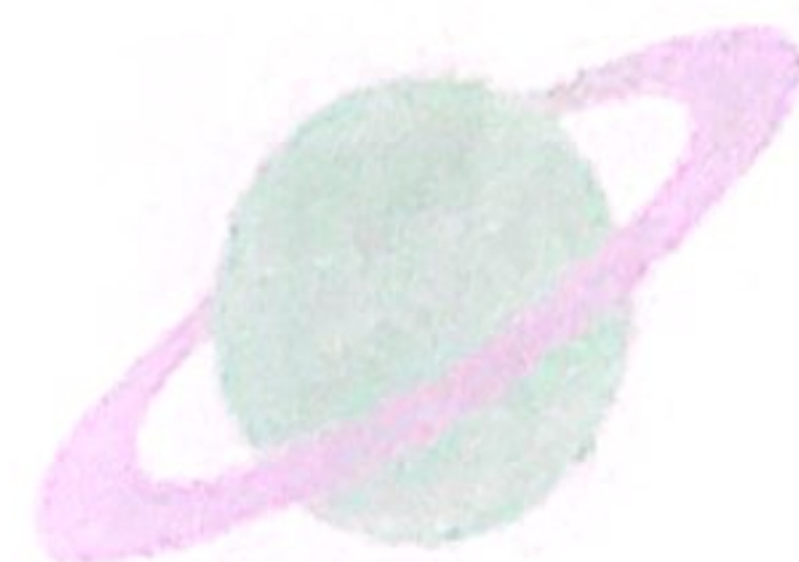
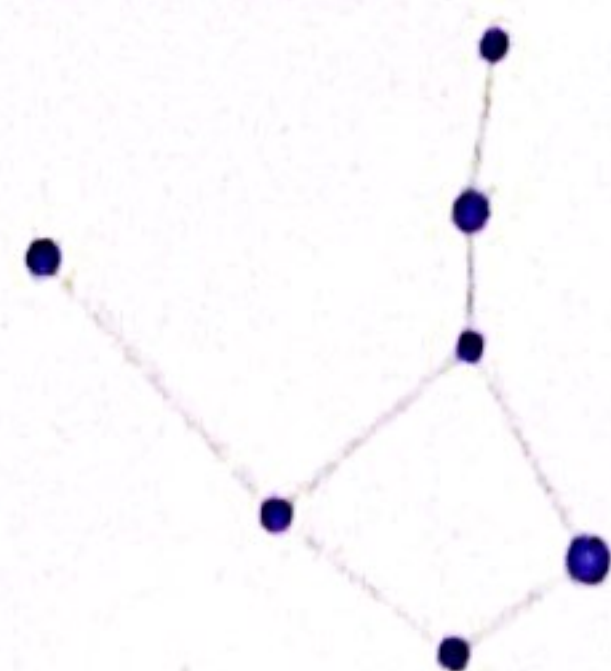
Dona Maricota: esposa do general Albernaz.

Lulu: aluno do Colégio Militar e filho do general.

Ismênia: filha mais velha do general Albernaz e de Dona Maricota. Também é noiva de Cavalcanti.

Cavalcanti: estudante de odontologia e noivo de Ismênia.

REVISÃO UEA



Quinota: filha do general Albernaz e de Dona Maricota.
É esposa de Genelício.

Genelício: escriturário do Ministério da Fazenda e noivo de Quinota.

Zizi: filha do general Albernaz e de Dona Maricota

Lalá: noiva do tenente Fontes, filha do general Albernaz e de Dona Maricota.

Tenente Fontes: artilheiro e noivo de Lalá.

Vivi: filha do general Albernaz e de Dona Maricota.

Contra-almirante Caldas: amigo do general Albernaz.

Doutor Florêncio: engenheiro e amigo do general Albernaz.

Senhor Bastos: contador e amigo do general Albernaz.

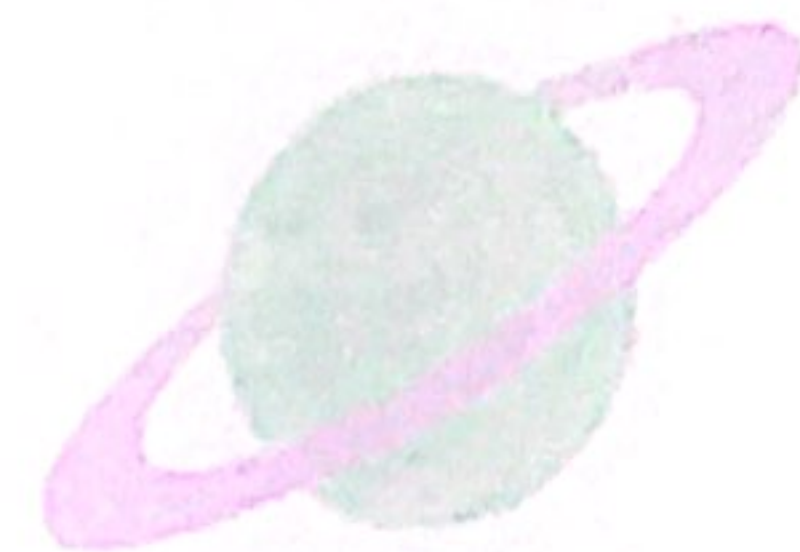
Capitão de bombeiros Segismundo: amigo do general Albernaz.

Marechal Floriano: governante do país. Foi presidente do Brasil de 1891 a 1894.

Estilo literário da obra Triste fim de Policarpo Quaresma

- O Triste fim de Policarpo Quaresma é um romance pré-modernista.
- Dentre as características pré-modernistas presentes na obra, destacam-se as seguintes:
- Nacionalismo e regionalismo.
- Denúncia social.
- Temas históricos e cotidianos.
- Linguagem coloquial.

REVISÃO UEA



A ILUSÃO DO FAUSTO

ILUSÃO DO FAUSTO

Autora: Edneia Mascarenhas Dias

Ano de publicação: 1999

Editora: Valer

- Não é uma obra ficcional, não nasceu como tal. É fruto de uma dissertação de mestrado

É dividido em duas partes:

1. A cidade do Fausto:

- Análise do processo de urbanização da cidade.
- Busca compreender as políticas que foram utilizadas.
- A criação de órgãos: Inspetoria de Higiene do Estado do Amazonas.

- Criação de Códigos de posturas do Amazonas.

2. A Falácia do Fausto:

- Exposição dos mecanismos de segregação que o Estado e a Elite utilizavam para manter o controle do espaço urbano, evitando o processo de urbanização para toda a cidade.

Quando, em 1927, Mário de Andrade – então cacique do modernismo brasileiro – visitava a Amazônia em sua famosa viagem de Turista Aprendiz, ao ser questionado sobre o que achou da capital do Amazonas, respondeu sem titubear que de “virgem de luxo” a cidade estava se transformando em “mulher fecunda. As metáforas do poeta serviam para criticar os adornos que foram artificialmente colocados sobre Manaus ainda “nos tempos áureos da borracha” e que, passado pouco mais de uma década, pareciam

REVISÃO UEA

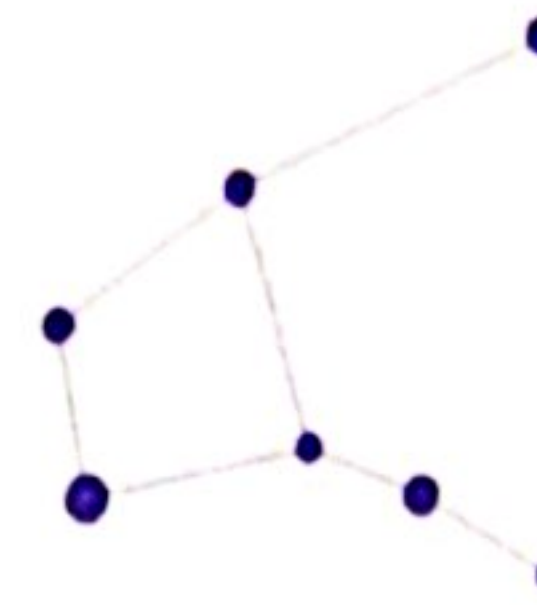


já legenda de um tempo remoto. As riquezas oriundas da exploração da goma elástica haviam criado uma época de fausto ilusório, de luxo efêmero, de um progresso inconstante. Nos anos 20, quando a produção amazônica respondia por apenas 5% do consumo mundial de borracha, Manaus amargou dias difíceis. Mário de Andrade viu com bons olhos esse duro aprendizado. Sem o dinheiro fácil da exportação do látex, os governantes locais teriam que ser criativos para produzir “uma nova florada de empreendimentos de alcance elevado”

Revirar a história desse tempo, há muito mitificado, passou a ser assunto de memória ou negócio de historiador. Sabendo disso, Edinea Mascarenhas Dias, historiadora paraense há tempos radicada em Manaus, professora aposentada da Universidade do Amazonas, impôs-se a tarefa de questionar muitas das histórias contadas sobre a Manaus do

fin-de-siècle. Seu livro, originalmente uma dissertação de mestrado defendida em 1988 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação de Déa Fenelon, deve ser uma grata surpresa ao mais exigente dos leitores. A capital do Amazonas apresentada por Edinea Dias revela detalhes de uma história já anunciada em algumas memórias sobre a virada do século XIX, justamente o tempo em que Manaus sofrera o “primeiro grande surto de urbanização” graças aos investimentos oriundos da exploração da seringueira, como nos informa a autora logo na introdução. A partir daí, os argumentos da obra são desenvolvidos em duas partes: primeiramente, passamos a vista no processo de construção da “cidade do fausto”, com uma análise detida sobre as origens dessa pretensa urbe moderna no meio da floresta. Na segunda parte, Edinea volta-se para analisar os beneficiados e os excluídos nessa política

REVISÃO UEA



de melhoramentos públicos. Com isso, a autora percorre os meios utilizados pelas elites do Amazonas na constituição das políticas públicas que ambicionaram transformar uma pequena “aldeia” em uma cidade moderna, tal e qual suas propaladas congêneres européias. Das notícias de viajantes, como Henry Walter Bates, Robert Avé-Lallemant ou Louis Agassiz, que por lá aportaram nas décadas de 1850 e 1860, aos relatórios administrativos dos governos municipais das décadas seguintes, a historiadora acompanhou esse processo de transformação no “rosto” da cidade, imiscuído num projeto de modernização alicerçado em estratégias de exclusão social da pobreza urbana.

Em 1890, em pleno apogeu da exploração da goma, de cada 10 moradores de Manaus, 8 eram analfabetos. Passadas duas décadas, o fosso entre ricos e pobres aumentou ainda mais a constituição de um espaço

privilegiado para as reformas sanitárias e para a segregação da cidade eleita. As ruas e logradouros centrais ganharam outros contornos, com novo embelezamento e com uma forte política de higienização do espaço público central. A idéia dos intendentes municipais era mesmo a de disciplinar o transeunte, o vendedor ambulante, o mendigo, o trabalhador comum. Edinea Mascarenhas Dias mostra o porquê de tudo isso não ter dado certo. Os inúmeros projetos de modernização só foram completamente exeqüíveis na cabeça dos governantes de então, embebedados que estavam com as façanhas de Haussmann na capital francesa. Se Manaus preservou alguns desses símbolos do fausto, como o seu famoso teatro, seu porto flutuante, o elegante prédio da alfândega, o palácio da justiça e tantos outros, também possibilitou que ficasse oculta, nesses mesmos relatórios oficiais, uma outra cidade que

REVISÃO UEA



recebia as imensas levas de imigrantes que vinham de toda a parte em busca das tais riquezas do látex. Edinea visitou essa cidade oculta, recuperou seus números, revolveu seus insucessos, e nos apresentou suas estratégias de lutas pela sobrevivência. Se há uma crítica para ser feita a esse livro é que o mesmo ainda se recente das histórias miúdas dessa população anônima, rejeitada nas estatísticas oficiais. Mas, apesar disto, a autora soube muito bem criticar, sem os habituais excessos anacrônicos, os percursos e as estratégias políticas dos administradores da capital do Amazonas, tomando, um a um, seus nomes e seus feitos.

Por tudo, A ilusão do fausto é um livro necessário não somente a historiadores interessados nas histórias "belepoquianas" das capitais brasileiras do final do século XIX, mas também, e especialmente, a todos aqueles que ainda mantêm intocadas suas imagem

sobre a selva amazônica, suas cidades anômalas, com sua gente vivendo à margem da história, como naqueles dias quis Euclides da Cunha. O trabalho de Edinea Mascarenhas Dias não recaiu (e talvez essa seja uma de suas grandes virtudes) no usual recurso de contrapor a floresta, o ambiente selvagem e primitivo dos rincões amazônicos às vicissitudes da experiência humana nas cidades da região. Por mais incrível que possa parecer, essa é uma grande lição para os pesquisadores mais versados no assunto, sem falar naqueles que propagandeiam a região como laboratório para pesquisas e para a divulgação de seus projetos que pouco, ou quase nada, têm a ver com o dia-a-dia amazônico. Refiro-me aqui, especialmente, ao modo com a imprensa brasileira ainda teima em tratar esses "paraísos" ecológicos, sempre acompanhados de suas desastradas experiências sociais. É justamente contra essa visão da